



# Finanças

*Economia - Brasil*

**Abaixo de mil** Após pico de 2.443 pontos em setembro, taxa cedeu ontem para 991 pontos

## Credibilidade derruba risco Brasil

**Patrícia Fortunato**  
De São Paulo

O risco-país brasileiro encerrou a terça-feira abaixo dos 1.000 pontos-base, fato inédito desde 31 de maio de 2002. O indicador, calculado pelo JP Morgan Chase, cedeu 6,42% e fechou a 991 pontos-base. O risco-país indica a confiança que os investidores têm no Brasil e, quanto mais baixo ele é, menor é a taxa de prêmio paga a quem compra os papéis. No ano passado, no auge das incertezas eleitorais, o risco atingiu o pico de 2.443 pontos-base. Desde então, caiu 59,44%. O indicador também mostra quanto a mais os títulos brasileiros pagam em juros, em comparação aos papéis do Tesouro americano, considerados de risco zero. Cada cem pontos de risco equivalem a um ponto percentual acima do rendimento dos papéis americanos.

O recuo do risco é consequência da valorização dos títulos da dívida externa. Ontem, o C-Bond, títu-

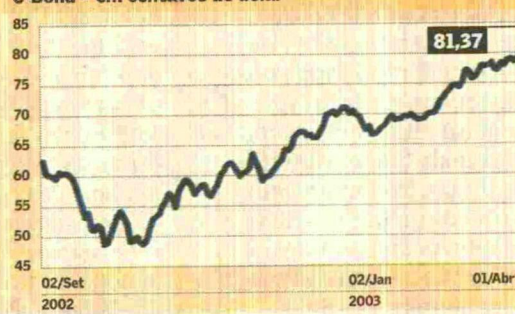
### Desempenho do Risco Brasil e do C-Bond

Risco recua com redirecionamento de recursos e apoio a Lula

**Prêmio de risco - em pontos-base \***



**C-Bond - em centavos de dólar**



Fonte: Bloomberg e Valor Data \* EMBI+ Brasil, calculado pelo JP Morgan. \*\* às 20h00.

lo mais líquido de todo o mercado emergente, alcançou a melhor cotação desde 19 de abril. Fechou a terça-feira em alta de 2,66%, a US\$ 0,8137 e pagou prêmio de risco de 990 pontos-base. Em 15 de outubro de 2002, o C-Bond alcançou a mínima, na história recente, de US\$ 0,4868. Desde então, Lula vendeu as eleições, não comeu crianças e vem governando de modo

mais ortodoxo do que se supunha. O governo "amigo do mercado" e o redirecionamento de recursos são os responsáveis pela recuperação do C-Bond e dos demais papéis brasileiros, segundo analistas. O chefe para América Latina da Idea Global, Ricardo Amorim, afirma que a procura por rendimentos vem sendo maior do que a esperada, sobretudo na América Latina.

Apesar da queda do risco brasileiro, ele entende que o índice atual é "insustentável" porque "ainda é muito caro para o governo e empresas brasileiras emitirem títulos no exterior". Para ele, são dois os caminhos: "ou as reformas andam e o risco cai mais, para algo próximo dos 700 pontos-base, ou corre-se o risco de o risco subir de novo".

A apreciação da Proposta de

Emenda Constitucional (PEC) que altera a redação do artigo 192 da carta magna do país (artigo que trata do sistema financeiro nacional) prevista para hoje ajuda a manter o clima de otimismo em relação ao Brasil. Aprovada a PEC, haverá a sensação de que Lula pode, sim, bancar as reformas da Previdência e Tributária. No entanto, segundo uma fonte, a euforia é um tanto "ingênuo", já que a aprovação da PEC não significa aprovação da independência do Banco Central, que só deve ser analisada em 2004. O risco, adverte a fonte, é que por conta de uma PEC de importância discutível, o governo saia com a imagem arranhada. "Se não aprovar essa PEC, com a qual ninguém perde nada, como vai conseguir levar adiante reformas em que, definitivamente, alguém terá de perder?", questiona. Se a PEC passar, fica mais fácil mexer em leis relacionadas ao sistema financeiro, daí a expectativa de que o BC será independente.